

## “TRISTE, LOUCA OU MÁ”: REFLEXÕES EM TORNO DE MULHERES TRANSGRESSORAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

---

Avelino Aldo de Lima Neto<sup>1</sup>

Maria Carolina Xavier da Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo objetivou compreender como determinados discursos classificam mulheres estudantes de pós-graduação como transgressoras de papéis de gênero. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se utilizou análise documental, apreciação de imagens e entrevistas para a construção dos dados. Estes foram interpretados de referencial teórico-metodológico foucaultiano. Os resultados apontaram que os discursos perpassam e se repetem ao longo da história, sendo as mulheres protagonistas de atos de transgressão das normas do patriarcado.

**Palavras-chave:** Mulheres; pós-graduação; educação profissional.

**Abstract:** This qualitative study utilized documentary analysis, image appreciation and interviews to analyze how certain discourses classify graduate women as transgressors of gender roles. The data were interpreted as Foucaultian theoretical-methodological references. The results showed that the discourses permeate and are repeated throughout history, with women being the protagonists of acts of transgression against patriarchal norms.

**Keywords:** Women; postgraduate; professional education.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

1 Doutor em Educação pela Université Paul Valéry – Montpellier III e pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: ave.neto@hotmail.com. Orcid: 0000-0003-4810-8742

2 Mestranda em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) (campus central), Brasil. E-mail: caroliinaxavier1@gmail.com. Orcid: 0000-0002-3863-6683

### “Triste, louca ou má será qualificada quem recusar seguir receita tal”

Quatro cômodos de um antigo casarão cubano, quatro mulheres negras com expressões corporais e faciais vagas, uma câmera que se movimenta lentamente e uma letra de música impactante. Na primeira cena, uma das mulheres encontra-se sentada na cama. A posição de seu corpo e a falta de movimento nos remete a tristeza e solidão. De perfil, enxergamos o seu rosto, um tanto sério e sem vida.

A câmera se movimenta, a mulher se levanta e somos levados a outro cômodo. Agora, estamos em uma espécie de sala de estar. Uma mulher negra está sentada em uma cadeira de balanço, fumando um cigarro, com a expressão facial sem vida. Entramos no banheiro, todo cor-de-rosa, decorado segundo um estereótipo do feminino. Deparamo-nos com uma mulher penteando seu cabelo na banheira, e o seu rosto também emana morte, tristeza, vazio. Em seguida, o diretor nos conduz a um quarto no qual uma outra mulher, cuja expressão é semelhante à das outras, está sentada ao lado de um guarda roupa antigo.

**Figura 1:** Imobilidade feminina



Fonte: Francisco... (2016).

Essas são as primeiras cenas do clipe *Triste, louca ou má*, da banda Francisco, el Hombre. A montagem, como veremos mais à frente, revela a tensão entre o enquadramento social ao qual as mulheres estão submetidas e o exercício do empoderamento. Os móveis antigos nos remetem ao passado no qual a mulher esteve fadada a viver enclausurada em ambientes privados, obedecendo à receita do marido, da família, da rotina. Nas últimas

décadas, porém, as mulheres conquistaram bastante espaço na esfera pública. Os lugares de saber-poder, cujo acesso a elas antes era negado, foram sendo abertos.

Contudo, no século XXI e com todas as conquistas, a desigualdade e os estereótipos de gênero ainda se fazem presentes, impulsionando as mulheres na busca de outros modos de viver. Estas últimas são chamadas aqui de *transgressoras*, inspirando-nos em Foucault (2009, p. 32) ao analisar as experiências-limite: “A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo o seu espaço”. Assim, transgressão não é simples atitude ou comportamento, mas um acontecimento ontológico, e é inseparável do limite. Só juntos eles fazem sentido, facultando ao ser se desvelar por inteiro no momento em que suas fronteiras aparecem em plena luz (SARDINHA, 2010) – como vemos nas cenas de *Triste, louca ou má*.

Este artigo, fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Contexto da Diversidade, ofertada pelo campus Canguaretama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), nasceu a partir dos questionamentos pessoais acerca dos papéis de gênero, bem como das várias inquietações geradas pelos textos e pelas experiências compartilhadas nas aulas da disciplina *Relações de Gênero, Sexualidade e Diversidade*, componente curricular da Pós-Graduação acima mencionada.

Nesse trabalho, parafraseando Scott (1995), empregamos o gênero enquanto categoria útil de análise das subjetivações femininas no contexto da Educação Profissional (EP) em nível de Pós-Graduação, abordagem que demonstra sua relevância para os debates em torno dos direitos das mulheres e das lutas por reconhecimento, sobretudo no contexto do acesso à educação. Face ao exposto, nosso objetivo geral foi compreender como determinados discursos classificam mulheres estudantes de Pós-Graduação e transgressoras de papéis de gênero. Para tanto, apontamos as principais tensões vividas por mulheres que ingressam numa Pós-Graduação, identificamos as contribuições da especialização para a formação delas e, por fim, indicamos as possibilidades de resistência feminina.

Entende-se, nesse sentido, a inserção da investigação no interior de um projeto mais amplo, em desenvolvimento, financiado pelo Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e intitulado *Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos*<sup>3</sup>. Os resultados alcançados contribuirão para a ampliação da produção ainda escassa sobre gênero na EP (LIMA NETO; CAVALCANTI; GLEYSE, 2018; SOUZA; LIMA NETO, 2019), compreendida tanto como campo epistemológico quanto como modalidade educativa. Isto se deve ao fato de o lócus de nossa investigação ser uma instituição de EP, a saber, o IFRN/Campus Canguaretama, em uma de suas ofertas.

Isso posto, informamos que o artigo está organizado em quatro seções, das quais esta introdução foi a primeira. Na segunda, explicaremos o caminho metodológico, com as estratégias de construção de dados e abordagem para sua análise. Na terceira, exploramos o referencial teórico em diálogo com os dados da pesquisa. Por fim, apresentamos as considerações finais.

### **A receita da pesquisa**

A pesquisa adota a abordagem qualitativa, identificando-se como um estudo de caso. Tal método nos é mais apropriado, pois por meio dele podemos investigar fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real (YIN, 2001), além de nos permitir “explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos” (GIL, 2002, p. 54). No início da pesquisa, cuja duração foi de fevereiro a dezembro de 2019, foi feito um estado da arte e uma revisão bibliográfica em torno dos conceitos e temáticas da investigação. Posteriormente, fizemos uma análise das leis da EP, do Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFRN e do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da especialização. Os resultados dessa análise aparecerão ao longo do texto, em diálogo com os dados do grupo focal.

Em seguida, realizamos entrevistas exploratórias on-line: uma com oito mulheres egressas ou ainda discentes do curso; outra com uma docente da própria Pós-Graduação. A partir dessas entrevistas, elaboramos o roteiro do grupo focal, o qual foi composto por quatro mulheres. Com ele, buscamos captar os discursos que atravessam as subjetividades das mulheres pós-graduandas, classificando-as. Como estratégia metodológica e recurso de construção textual, usamos a música e o clipe. O material textual e imagético, também ele um discurso, é tradicionalmente utilizado nas pesquisas

---

3 Processo 433601/2018-3. Chamada MCTIC/CNPq nº 28/2018 (universal).

qualitativas (BAUER; GASKELL, 2005), inclusive numa perspectiva foucaultiana (BRAGA, 2015; LIMA NETO, 2018).

Recorremos à estratégia do Grupo Focal por acreditar que tal recurso nos facultava “compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos” (GONDIM, 2003, p. 151). As entrevistadas dele aceitaram participar espontaneamente, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em respeito aos procedimentos éticos, ao longo deste texto mantivemos o anonimato delas, substituindo os seus nomes por aqueles de grandes mulheres da história brasileira. São elas: Maria Quitéria, Chica da Silva, Dandara e Marielle Franco.

As entrevistadas têm idade entre 39 a 46 anos. Uma é pedagoga, outra é professora de matemática e duas atuam como servidoras públicas em setores administrativos. Três se identificam étnico-racialmente como mestiças/pardas e uma como negra. Duas são protestantes e duas católicas. Três têm filhos e são casadas e uma tem namorado, mas mora sozinha. Em algum momento de suas vidas, todas “desataram nós” – como diz a canção de Francisco, el Hombre – e traçaram uma rota nova. Quitéria fez isso ao parar os estudos, retomando-os depois; Chica ao deixar a casa dos pais; Marielle ao se divorciar; Dandara quando voltou às salas de aula. Viveram as tensões da tripla jornada de trabalho. São mãe, divorciada ou solteira que mora só. Todas já foram classificadas como *Tristes, loucas ou más* – o que assumimos como prática de sujeitos revolucionários. Sentimos uma conexão entre a vida dessas mulheres, as imagens e a pesquisa científica.

Após o Grupo Focal, foi feita a transcrição das falas e a organização dos dados a partir de uma leitura discursiva com inspiração foucaultiana. Para esse autor, discurso é prática e, para analisá-lo, precisamos dar conta de relações históricas muito concretas, estando atentos a feixes de explicação ligados à economia, sociedade, instituições, comportamento e normas (BERT, 2013, p. 182). O discurso não está concentrado somente no falado, mas também pode se manifesta no visto, no lido, no representado, enfim, nas práticas. Faremos uso, assim, de um corpus constituído por documentos, imagens, música, entrevistas. Esses materiais têm raízes históricas fortes, pois não nasceram na atualidade, mas foram fabricados no passado, reconstruídos e reconfigurados ao longo do tempo, de modo similar ao que mostraram Albuquerque Júnior (2013), Braga (2015), Gleyse (2018), Rago (2014) e tantos outros cujos trabalhos fazem uso da noção de discurso em Foucault para analisar fenômenos eminentemente ligados ao corpo e à subjetividade.

## **Eu não me vejo na palavra “fêmea”, alvo de caça**

O corpo feminino já foi julgado inapropriado para realizar diversas atividades. A natureza, a biologia, a convenção, a tradição e a opinião definiram o lugar da mulher em nossas sociedades. Durante muito tempo, ela não teve direito ao voto e à representação política, à escolarização, à propriedade privada. Era dona de casa e mãe, sem direito à opinião, e deveria viver às sombras de seu marido.

De um modo mais intenso, a partir das lutas feministas do século XX se deu a conquista de certos espaços e direitos. A educação foi uma das formas por meio das quais esses avanços se realizaram, uma vez que possibilitou a oportunidade de ascensão profissional e inserção no mercado. No entanto, as posições de gênero se cruzam com outras variáveis, como classe, raça, etnia, capacidade, sexualidade e geração, produzindo uma miríade de opressões possíveis no tecido democrático (BIROLI, 2018). Essas situações se manifestam na materialidade dos discursos que ora serão analisados.

## ***Um homem não te define***

Em meio à lenta e calma melodia da música, nos deparamos com uma elevação do som. Nesse momento, a cantora diz: “um homem não te define”. A bailarina, antes imóvel em frente de um espelho, se ergue, e começa a dançar graciosamente, movendo-se com liberdade.

**Figura 2:** Mobilidade e liberdade



Fonte: Francisco... (2016).

Ao nos depararmos com a história da mulher, percebemos que obediência a um homem foi e é algo recorrente em sua vida. No Brasil Colônia, o comportamento feminino estava ligado à submissão ao pai e ao marido. Sua educação era rigidamente voltada para afazeres domésticos. Ou seja, a mulher, desde a infância estava rodeada por homens, não devendo nunca ficar sozinha. Essa presença masculina era justificada pela Igreja, a qual

afirmava que “o homem era superior, e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade” (ARAÚJO, 1997, p. 37).

Ao longo das entrevistas, as mulheres participantes de nossa investigação se deram conta do peso na palavra “marido”. Entre as intervenções, escuta-se:

*Vocês já perceberam que aqui tem muito a palavra marido, é porque “marido não sei o quê, marido isso”. Na realidade, hoje, se a gente for analisar muito profundamente, marido para algumas mulheres é um peso [...] mas eu acho que a palavra “marido” tem pesado muito na vida das mulheres pelo contexto onde nós, mulheres, os colocamos, está entendendo? (Marielle).*

Essa participante assume postura ativa e coletiva em sua fala, ao dizer “nós, mulheres”. Ela não se vitimiza ou põe a culpa do peso no homem, mas nas situações que levam as mulheres a o colocarem nesse lugar. Também faz a reflexão a partir de suas vivências, pois em seu casamento anterior ela sentiu o peso de um marido que não a apoiava suficientemente.

Essa carga em torno da palavra “marido” também pode ser diagnosticada no cotidiano da casa. Tradicionalmente, as atividades domésticas são feitas pelas esposas ou filhas, enquanto que ao marido são resguardados o público e o provimento. Nessa direção, a nós é remetida uma afirmação muito interessante surgida no grupo focal: “meu marido me ajuda” (Informação verbal)<sup>4</sup>. A expressão em questão foi usada por Quitéria quando falava sobre boa parte do trabalho desempenhado no lar ser destinado à mulher. Segundo ela, existe uma diferença entre os homens e as mulheres que trabalham fora, pois no fim das contas são elas que mais fazem as atividades domésticas. Ela repudia a expressão, pois acredita que o marido não deve simplesmente ajudar, e sim dividir as tarefas. Ao ouvir isso, Dandara fala: “quem ajuda é um tio, uma prima” (Informação verbal)<sup>5</sup>. Ela ainda acrescenta ser necessário não romantizar o casamento com essas expressões.

Esse peso provém do discurso em torno da palavra “marido”. Por muito tempo, a mulher esteve submissa ao homem, ao seu marido, ao espaço privado. É algo que tem raízes históricas. A visão romantizada do casamento por amor, da mãe doce e da mulher dedicada ao marido, filhos e lar tomou forma com a formação da sociedade industrial e do capitalismo. A partir desse momento, a

4 Informação fornecida por Quitéria durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

5 Informação fornecida por Dandara durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

família moderna nuclear entra em ascensão e a feminilidade é discursivamente construída para ocupar o espaço privado (KEHL, 2016, p. 57-65). A mulher de classe média passa a viver e se dedicar aos filhos, ao esposo e ao lar, não devendo se preocupar com nada que venha de fora da casa, pois o âmbito público é de responsabilidade direta de seu marido (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Durante os anos 1960, os discursos dominantes sobre a felicidade feminina ainda estavam vinculados ao casamento, maternidade e afazeres domésticos. Ao homem ainda era resguardado o papel de provedor e a mulher o de cuidado do lar. Ela deveria ser prendada, mantendo a limpeza da casa, preparando a comida, proporcionando um ambiente organizado, agradável e nunca incomodando o seu marido. Para as camadas médias urbanas, a sua participação no mercado de trabalho era considerada perigosa, pois atrapalharia seus outros afazeres (COSTA, 2016).

Acabamos de mencionar exemplos do século XIX e XX. Estamos no século XXI e o discurso em torno do marido provedor e da mulher dedicada ao lar ainda sobrevive mais ou menos intensamente em alguns segmentos de classes. Todavia, ele tem tomado outra roupagem, pois muitas das esposas mostram um posicionamento mais transgressor, desconstruindo a romantização acerca da afirmação “meu marido me ajuda” e demandando a cumplicidade e o apoio mútuo no cotidiano.

Ainda sobre o casamento, uma fala de Quitéria nos inquietou no que concerne às tensões envolvendo a imagem do marido provedor e a da mulher cuja ascensão profissional ultrapassa o status laboral masculino: “Homem é assim. Por mais que ele seja bem aberto e compartilhe as coisas, [...] no fundo ele tem preconceito se a mulher ganha mais, se a mulher está subindo. Ele prefere que ele seja o provedor, por melhor que seja a relação” (Informação verbal)<sup>6</sup>. Novamente, defrontamo-nos com discursos que transcorrem as temporalidades e são frutos de uma sociedade patriarcal na qual o homem se instala como o centro de organização das relações de poder.

Para Foucault (1988), o poder é um exercício relacional, e os resultados desses conflitos geram normatizações das condutas sociais, dos corpos e das subjetividades. Esse poder molda o corpo e a mente para garantir controle, mas concomitantemente produz resistência como seu efeito. As relações de poder não são rígidas, e podem se materializar em várias manobras, servindo a estratégias que não são únicas, globais nem válidas para toda a sociedade.

---

<sup>6</sup> Informação fornecida por Quitéria durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

Essas estratégias têm implicações psíquicas, levando o sujeito a pensar, sentir ou agir de uma determinada maneira que pode não refletir a forma como aquela pessoa gostaria de ser. A família, o marido, o Estado, a Igreja agiram e agem como um dispositivo de dominação sobre as mulheres, coagindo-as mais ou menos explicitamente a assumirem determinados lugares como se fossem *naturalmente* seus, e não frutos de múltiplos interesses.

Relacionando as tensões dos maridos das entrevistadas com o poder e a dominação tal como os compreende Foucault, identificamos duas situações significativas. A primeira diz respeito a um marido machista que não quer a esposa estudando, como é o caso do primeiro casamento de Marielle. A segunda se refere ao marido que tenta determinar a roupa a ser usada pela esposa, como foi relatado por Dandara e Quitéria.

Nesse último caso, Dandara relatou um acontecimento vivido por uma amiga constrangida pelo marido por usar um biquíni, pois ele brigava com ela. Já Quitéria, ainda nesse contexto, descreveu: “*se eu botar uma roupa justa e for trabalhar e o meu marido diz ‘Ei, tu vai [sic.] trabalhar assim mesmo é?’*” (Informação verbal)<sup>7</sup>. Essa fala aconteceu após dizer que não se sentia bem em trabalhar com uma blusa de alcinha, por causa do estilo do seu ambiente laboral. Percebemos, nesses casos, situações sutis da dominação masculina sobre o corpo feminino.

Todavia, para Foucault (1984), onde há poder, há uma resposta antagônica a ele. As relações de poder existem com base em uma multiplicidade de pontos de resistência, os quais se disseminam no tempo e no espaço, com densidade diferenciada, inflamando os corpos em distintos momentos da vida e comportamentos, e é “*a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução*” (FOUCAULT, 1984, p. 90). As mulheres podem mover mais as estruturas de poder do que costumeiramente se tem admitido, e estão conseguindo inventar suas próprias estratégias para confrontar aqueles que tentam, a todo custo, reger suas vidas públicas e privadas.

### **Sua casa não te define**

Voltemos nosso olhar para o cenário do videoclipe. Um casarão do século XX, na região central de Havana, em Cuba. A estrutura antiga – móveis,

<sup>7</sup> Informação fornecida por Quitéria, durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

arquitetura, vestimentas – parece nos remeter a um congelamento do tempo e, neste, das mulheres. Elas estão ali, naquele passado, e ali devem permanecer. Pouco depois, porém, a música afirma: “sua casa não te define”. Nessa direção, retomaremos, nas próximas linhas, a ideia de “casa” associada ao espaço das relações familiares, às obrigações domésticas e ao cuidado com os filhos.

No que se refere à convivência com a família, diagnosticamos algumas tensões. Quitéria relatou ter sofrido um pouco no período de sua adolescência, pois sua mãe, uma professora de História, a proibiu de cursar Matemática e obrigou a fazer Computação. Além da coação materna sobre o futuro formativo da filha, também identificamos nesse episódio uma forte desvalorização da profissão docente por parte de alguém que a exerce.

Marielle e Dandara afirmam que não tiveram tanto incentivo dos pais na vida educativa. Ambas são originárias de área rural e talvez isso tenha contribuído para alimentar tal situação. Marielle diz que os pais não a apoiavam porque a queriam por perto. Dandara relatou a ausência dos pais até no dia de sua formatura.

Quitéria, por sua vez, teve de interromper o processo de escolarização formal devido a uma gravidez. Desistiu do Mestrado, da profissão e dedicou anos de sua vida ao filho. Sobre esse período da vida, ela ressalta: “*E eu não reclamava, porque mãe quando é mãe acha que aquilo [o filho] é a coisa mais importante para ela mesmo e pronto*” (Informação verbal)<sup>8</sup>. Vemos nela uma grande preocupação com a maternidade e com o lar, além de uma certa romantização da maternidade. Essa perspectiva alinha-se ao que Élisabeth Badinter (1985, p. 367) chamou de “mito do amor materno”, uma vez que atribui um certo instinto natural à mãe no que concerne ao cuidado com a prole.

Ser mãe, para Badinter (1985), é uma fabricação social. Ela periodiza a maternidade na França em dois momentos. No primeiro, a mulher age com frieza em relação às crianças, tratando-as com indiferença. As mães que demonstrassem afeto para com os filhos eram vistas com estranheza. É só no último terço do século XVIII que a mentalidade francesa se altera. Começam a circular publicações recomendando, dentre outras práticas, um cuidado maior na amamentação, por exemplo. A partir de então, o amor materno passará paulatinamente a ser visto como natural. A mãe deve

---

8 Informação fornecida por Quitéria durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

proteger e amar seus filhos e o pai é posto em uma obscuridade quando o assunto é a criação das crianças e a vida privada.

A filósofa francesa, porém, sustenta que “o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. [...] O sentimento materno pode existir ou não; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil” (BADINTER, 1985, p. 367). Essa ideologia, contudo, até hoje permanece atuante entre as mulheres, vinculando-a necessariamente – como uma espécie de destino inexorável – à maternidade, função que exige amar os filhos de modo incondicional. O caráter de construção social da maternidade é, assim, obliterado pelas variadas estratégias sociais de dissimulação das relações de poder nas quais o corpo e a subjetividade feminina estão imbricados.

### ***Sua carne não te define***

Seis mulheres dançam no videoclipe. Todas são negras ou pardas e usam vestes brancas. Três delas estão com adornos na cabeça para prender os cabelos, adereços que nos fazem lembrar as negras escravizadas. Seus corpos são marcados por medidas mais volumosas nos quadris, pernas, seios e glúteos, traduzindo a imagem da “típica mulher africana” (BRAGA, 2015, p. 46). Toda a sua corporeidade rompe o padrão eurocêntrico de beleza e nos provoca uma admiração pelas suas gestualidades, criadas ao som da melodia.

**Figura 3:** Beleza negra



Fonte: Francisco... (2016).

Essa anatomia revelada no clipe encontra espaço nas tensões de nossas entrevistadas no que tange aos debates sobre corpo, beleza, transgressões do biológico e desigualdade de gênero. Ao longo de nossa análise, diagnosticamos em suas vidas algumas situações bastante significativas envolvendo os estereótipos de gênero, como o gosto por brincadeiras ditas “de menino”, a escolha por vestimentas e profissões masculinizadas e a rejeição pelas tarefas domésticas.

Notamos a noção de gênero pelas lentes de Scott (1995) e Butler (2003), isto é, compreendemos a “generificação” enquanto processo e efeito de linguagem, produção discursiva inscrita em uma rede complexa de relações de poder, às quais são submetidos todos os sujeitos de modo sutil, a partir de uma rede de tecnologias e sistemas disciplinares. Isso nos conecta a um conceito cunhado por Foucault (1984): o poder disciplinar. Essa tecnologia estrutura maneiras de gerir e de saber, as quais, unidas, vão estabelecer normas para a construção dos sujeitos, gerando também modos de dominação (NARVAZ, 2010).

Essa rede citada funciona a partir de discursos e práticas normatizadores da existência social de homens e mulheres. Segundo Scott (1995), as redes de tecnologias são técnicas e elas determinam como o indivíduo irá viver em sociedade. Sendo assim, tanto Scott (1995) quanto Butler (2003) acreditam que gênero não está vinculado ao sexo, estando atrelado, na verdade, a uma produção discursiva capaz de dissimular as condições políticas, históricas, econômicas e culturais de apropriação do corpo.

Nesse sentido, as falas de nossas entrevistadas só podem ser bem compreendidas enquanto vinculadas a essa teia discursiva anteriormente mencionada. Marielle, por exemplo, ao comentar sobre a decisão profissional e sua com os estereótipos de gênero, assevera: “*Esse problema eu vivi na hora de escolher a minha licenciatura. Disse a um certo grupo de colegas: ‘eu vou fazer matemática’, e disseram ‘por que você vai fazer matemática? É tão difícil, faça história’*” (Informação verbal)<sup>9</sup>. Quitéria, que partilha com Marielle a proximidade com a área de Exatas, acentua: “*Mas se associa muito ao que é de menino e ao que é de menina. A matemática, por exemplo, é uma dessas coisas. As Exatas, por exemplo [...] é ‘de menino’*” (Informação verbal)<sup>10</sup>.

Thomas (2018) apontou a existência de um monopólio cultural construído pelos homens em áreas “masculinas” e “técnicas”, como a mecânica, a eletrotécnica e a construção civil. Há uma divisão sexual nos percursos escolares e profissionais. O ambiente acadêmico de cursos masculinizados e o mercado de trabalho contribuem para a produção das desigualdades de gênero. A autora diagnosticou que 3/4 das entrevistadas foram alertadas sobre as dificuldades enfrentadas em cursos “masculinos” devido a tratamentos machistas provenientes de colegas de turma e professores. Nesse

---

9 Informação fornecida por Marielle durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

10 Informação fornecida por Quitéria durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

contexto, em seu estudo etnográfico, Thomas indica uma diferenciação na forma de chamar meninos e meninas: elas sempre são evocadas pelo sobrenome, precedido por “senhorita”. Além disso, a distribuição de tarefas em sala também é marcada pela divisão sexual do trabalho: as alunas ficam responsáveis por atividades informais e não acadêmicas, como a limpeza.

A desigualdade de gênero no interior da formação profissional também está presente na realidade das participantes do grupo focal. Ao dizer que pretendia cursar a Licenciatura em Matemática, nossa entrevistada foi surpreendida por comentários machistas, os quais acentuavam que essa graduação seria difícil para uma mulher, e por isso ela deveria fazer História. O primeiro curso citado está na área de Exatas, comumente visto como sendo mais difícil, porque usa a lógica e razão. Tradicionalmente, essas características são masculinas. O segundo curso situa-se na área de Humanas, considerada mais fácil, tendo em vista que usa a sensibilidade, algo naturalmente feminino conforme o discurso machista.

Thomas (2018) ainda relata um caso muito curioso. Uma docente teve de usar roupas “mais masculinas” para ser levada a sério no seu ambiente de trabalho. Encontramos situações parecidas envolvendo nossas entrevistadas: *“Eu nunca gostei de roupa curta e não sei se é devido ao preconceito ou eu sempre nunca fui muito de vaidade, então vamos dizer que eu me vestia como menino”* (Informação verbal)<sup>11</sup>. Marielle apresenta algo parecido sobre cuidados estéticos: *“Fui fazer matemática e convivi com muitos homens [...] nunca fui de chegar e chamar atenção e jogar charme, nunca aprendi a me maquiar, a fazer unha, a fazer sobancelha”* (Informação verbal)<sup>12</sup>. Em ambientes masculinizados, mulheres recorrem à indumentária masculina como uma forma de defesa, com vistas a serem tratadas com maior seriedade e, frequentemente, para não serem assediadas.

Outra dimensão, nessa mesma temática, chamou-nos atenção: o gosto pelas brincadeiras tipicamente masculinas e o desgosto por tarefas domésticas. Nesse sentido, Quitéria relembra um diálogo da própria mãe com o pai: *“Renato, essa menina, realmente ela parece um menino. A menina joga bola, nunca gostou de boneca, só gosta de carrinho, de biloca, de subir em*

---

11 Informação fornecida por Quitéria durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

12 Informação fornecida por Marielle durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

árvore” (Informação verbal)<sup>13</sup>. A escuta constante dessa assertiva materna levou nossa entrevistada a entrar em conflito com a própria sexualidade. Mesmo se reconhecendo heterossexual, ela diz que acabou por internalizar aquele discurso, e começou a pensar que poderia ser homossexual.

Situação similar se passava com outra entrevistada:

*Disseram lá em casa que era para eu ser menino, que eu só gosto de coisas de menino, porque tinha a mesma situação [de Quitéria] de só eu gostar das brincadeiras de menino, e ainda tinha o meu pai que gostava de ficar mexendo no carro, mecânica [...]. Eu não gostava de fazer as coisas de casa mesmo, não gostava de lavar louça, varrer a casa (Chica).*

Essa participante, como a anterior, também preferia as brincadeiras supostamente masculinas e fugia dos afazeres do lar para aprender mecânica com o pai. Em outros relatos, disse que um dia sua irmã reclamou da sua ausência nos cuidados domésticos, com um tom de preconceito. Ao sair de casa para morar sozinha, seu pai a presenteou com uma maleta de ferramentas. Hoje ela fura paredes, coloca armários, troca lâmpadas, entende de mecânica. Ou seja, realiza atividades socialmente vistas como masculinas, mas que são extremamente úteis a todos.

Gostaríamos de ressaltar agora um aspecto diretamente ligado à corporeidade de nossas entrevistadas. Elas se declararam como negras ou pardas/mestiças, e curiosamente também poderíamos afirmar que as mulheres do videoclipe se alinham a esse pertencimento étnico-racial. Nesse sentido, faz-se mister sublinhar que o corpo negro tem sido alvo de preconceito ao longo do tempo, principalmente no que diz respeito a aspectos estéticos. Assim, como afirma Braga (2015, p. 18), “entendemos a beleza como uma produção histórica, produto de uma memória resignificada”. Ou seja, padrões vigentes quanto a essa dimensão carregam continuidade e descontinuidade em relação a modelos anteriores.

O padrão de beleza atual é eurocêntrico. Somos cultural e socialmente instruídos a acreditar que o belo está no magro, no cabelo liso e nos olhos e pele clara. Uma de nossas entrevistadas deixa isso claro: “A gente quer se moldar nos padrões. Só é bonita quem tem corpo magro [...] nosso cabelo a gente estica porque a gente acha feio o cabelo encaracolado” (Informação verbal)<sup>14</sup>.

13 Informação fornecida por Quitéria durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

14 Informação fornecida por Quitéria, durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

Anteriormente, ela narrou que namorou um “*menino, para os padrões de beleza atuais, muito bonito*” (Informação verbal)<sup>15</sup>. Uma de suas amigas certa vez lhe falou, com tom de brincadeira – e nós sabemos que as supostas brincadeiras quanto à negritude são geralmente acompanhadas de intenções preconceituosas –, a seguinte frase: “*Como é que Bruno namora com uma menina preta, cabelo de bucha e feia?*” (Informação verbal)<sup>16</sup>. A menina que proferiu esse insulto era branca, de cabelos lisos e loiros.

Nesse cenário, recorremos mais uma vez à análise do discurso empreendida por Braga (2015). Ao realizar um recorte em torno da beleza feminina, ela analisa as imagens da deusa Vênus na História. Na pré-história, a mulher é representada como tendo um corpo com quadril, abdômen e seios vastos, sendo símbolo de fertilidade. Nas esculturas da Antiguidade Clássica, o corpo feminino é harmônico em todas as partes: cintura fina, seios fartos, quadril bem desenhado. Na arte medieval a mulher foi demonizada, pois seu corpo era lugar do pecado. Na Idade Moderna ela se torna a face de Deus. No Renascimento, passa a ser representada de forma sensual.

O corpo europeu era símbolo de normalidade, enquanto que o africano era associado ao desequilíbrio. Entende-se, assim, o desenvolvimento do estereótipo de hipersexualidade da mulher negra. Isso pode ser comprovado nas relações entre os senhores e suas escravas no período escravocrata brasileiro, pois eles faziam sexo com elas, tanto porque seus corpos lhes pertenciam enquanto objetos, quanto para saciar o desejo que não era suprido com suas esposas – estas, por sua vez, “dessexualizadas” para assumir a função materna.

O rosto negro também foi alvo de construções discursivas. O nariz, sempre criticado por ser achatado ou grosso, a estrutura dos dentes e o cabelo foram aspectos marcantes. Em meados do século XIX é possível perceber a presença de turbantes e penteados africanos, costumes que até hoje existem em nosso país e que podemos identificar em uma das dançarinas do videoclipe aqui trabalhado. O negro bonito era aquele do rosto, nariz e bocas afilados, de cabelo liso ou ondulado e de cor mais clara.

Evidentemente, a intervenção racista da amiga de Quitéria não nasceu hoje, mas se insere no interior de um discurso historicamente construído ao longo de séculos, prevalecendo mais ou menos sutilmente na sociedade. Essa experiência é sentida e vivenciada cotidianamente pelo negro e traduzida por

---

15 Informação fornecida por Quitéria, durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

16 Informação fornecida por Quitéria, durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em 24 de outubro de 2019.

uma palavra: preconceito racial, que tem sido naturalizado entre nós, como podemos ver em outra intervenção de Quitéria: “É como Chica disse: às vezes a gente sofre preconceito e a gente passa como normal” (Informação verbal)<sup>17</sup>.

A discriminação existe, mas regularmente o tratamos como humor, como uma mera brincadeira, e não como parte de um discurso que visa sujeitar os cidadãos. Agora, podemos entender diferentemente o seguinte trecho da canção: “Sua carne não te define, você é seu próprio lar”. Ele nos lança à necessidade de desconstruir e romper os padrões estéticos vigentes, apontando as estratégias da indústria de beleza que os sustenta e produz modelos corporais supostamente perfeitos, em massa, em detrimento de outros modos de existir do corpo.

### **Desatar os nós**

A câmera se movimenta lentamente, saindo de cada cômodo nos quais outrora as mulheres estavam imóveis. Somos conduzidos a outro ambiente, agora com paredes brancas e bem iluminado. No centro, há uma grande escada, pela qual as mulheres descem rapidamente, dando acesso a outros ambientes, que no passado, por nós mencionado anteriormente, eram mais frequentados pelos homens – ou apenas por eles. Tal sequência acontece após a cantora entoar o seguinte trecho: “Ela desatinou. Desatou nós. Vai viver só”.

**Figura 4:** Elas desatinaram



Fonte: Francisco... (2016).

17 Informação fornecida por Quitéria, durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em dia de mês de ano.

As mulheres *desatinaram*. Não podemos esquecer que “desatinar” é sinônimo de “*enlouquecer*”, perder a razão. Nesse momento, no clipe, as bailarinas saem da clausura e da imobilidade, movimentando-se para espaços inexplorados. Nossas entrevistadas também desataram alguns nós: cursar uma Pós-Graduação, investir na própria qualificação profissional por meio da educação, foi um deles. Nessa seção, nos deteremos sobre alguns desses nós, em diálogo com leis que regem a EP, com o PPP do IFRN e do PPC da Especialização em EJA.

A nova institucionalidade conferida pelos termos da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 (BRASIL, 2008), insere o IFRN na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). A especificidade dos Institutos Federais (IF) é a oferta de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), em vários níveis e modalidades, do Ensino Médio Integrado ao Técnico à Pós-Graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Essas ofertas estão sempre em sintonia com a função social da instituição, a qual se compromete com a “formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, a transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais” (IFRN, 2012, p. 18).

É imprescindível ressaltar que se orientar por uma educação pautada na formação humana integral – ou “omnilateral” – reflete-se em se preocupar com o desenvolvimento completo do sujeito, ou seja, de suas capacidades físicas, intelectuais, racionais, com vistas à promoção de sua autonomia por meio da superação da dualidade entre trabalho manual e intelectual (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015). Sendo assim, o instituto também está atento à vida das discentes para além dos muros da escola, considerando que fatores externos afetam a vida acadêmica. Nessa perspectiva, o PPC da Especialização mostra-se convergente com o PPP: “O estudante vive as incertezas próprias do atual contexto histórico, das condições sociais, psicológicas e biológicas. Em razão disso, faz-se necessária a adoção de procedimentos didático-pedagógicos que possam auxiliá-los nas suas construções intelectuais, procedimentais e atitudinais” (IFRN, 2015, p. 15).

Nota-se que ambos os documentos se fundamentam no princípio da contextualização para a sua organização curricular, posto que buscam “considerar as diversas dimensões da vida dos alunos e das práticas sociais em que estão inseridos; entendê-los como sujeitos do seu próprio processo de formação; contribuir para a sua libertação, para a sua transformação em

sujeito crítico” (MACHADO, 2010, p. 87). Assim, os próprios conteúdos selecionados devem ser pensados segundo a realidade vivida pelos sujeitos aprendentes. O IFRN levou isso em conta, pois além mostrar-se vigilante no que concerne aos procedimentos didático-pedagógicos, adota postura similar relativamente ao respeito à diversidade e à inclusão social. Assim, é primordial para o PPP o

reconhecimento da singularidade e das diferenças existentes entre as pessoas e entre os grupos; o respeito ao direito de cada um numa sociedade democrática; a convivência com diferentes opiniões sobre a realidade e diferentes visões de mundo; o respeito aos valores e às crenças; o exercício da tolerância e da mediação dos conflitos; e o repúdio a todo tipo de discriminação. (IFRN, 2012, p. 69).

No PPC, a preocupação com a diversidade também fica clara: “Atende-se, assim, às necessidades da sociedade na qual o IFRN atua, primando pelo respeito à diversidade e à inclusão social” (IFRN, 2015, p. 165). Na própria organização curricular, consta um componente denominado “Relações de gênero, sexualidade e diversidade”. Seus conteúdos são perpassados por assuntos como desigualdade, feminismo, diferença de gênero na organização social (da vida pública e da vida privada), discriminação e violência de gênero em contexto de desigualdades sociais e étnico-racial, além de outras temáticas convergentes. É evidente, assim, que o Instituto está preocupado com o debate em torno da diversidade e com as questões próprias às mulheres, e isso pode ser visto nos documentos, uma vez que há a oferta de um componente curricular centrado sobre as temáticas anteriormente citadas.

Para as nossas entrevistadas, essas temáticas vieram à tona no decorrer da Pós-Graduação. Muitos anseios e medos surgem ou são desenvolvidos quando se é uma mulher empregada, casada, com filhos e responsável pelos cuidados com o lar. Nessa tripla jornada de trabalho, elas devem lidar com as escolhas acadêmicas, provas, trabalhos, leituras e com as demandas familiares, também elas numerosas e exigentes. Para aquelas que trabalham fora de casa, tudo fica mais complicado, conforme vemos na fala de Quitéria: “*O desafios de fazer a [especialização em] EJA é o seguinte: casa, marido... você se sente cobrada [...] Mas aí eu também me sinto cobrada por trabalhar fora o dia todo, por não ter tanto tempo para o meu filho, principalmente*” (Informação verbal)<sup>18</sup>.

18 Informação fornecida por Quitéria, durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em dia de mês de ano.

Nossa entrevistada sublinha a falta de tempo para conviver com o filho, e ainda aprofunda essa dimensão com o advérbio “principalmente”. No decorrer do grupo focal, notamos que a preocupação com a maternidade era algo presente em sua experiência. Vale lembrar que Quitéria viveu um conflito ligado à maternidade: ao engravidar, ela abandonou o Mestrado e o trabalho para poder ser mãe em tempo integral. Esse conflito é analisado em outra obra de Badinter (2011). A autora assevera que entre 1980-2010 ocorreu uma revolução silenciosa em torno da concepção de maternidade, que outrora se impunha como destino feminino. A mulher passou a enfrentar o conflito entre o ser mãe e outros imperativos do dia a dia, como o exercício profissional.

Badinter (2011) constata que o casamento prejudica as mulheres e beneficia os homens, existindo não raramente uma espécie de injustiça doméstica. Nesse contexto, a vida conjugal se torna muito custosa para elas, tanto no âmbito social quanto no cultural, pois a divisão doméstica, a educação dos filhos e a carreira, somadas, se tornam algo pesado. Sobre isso, afirma a filósofa: “É ela quem abandona o trabalho sem hesitar para se tornar mãe ‘exclusiva’ ou ‘intensiva’. As necessidades da criança estão no centro de sua vida, a mãe se compromete profundamente com ela do ponto de vista afetivo e emocional” (BADINTER, 2011, p. 1870). A chegada de um filho obriga a mulher ao retorno ao lar e acaba empurrando o homem para o âmbito público, ou seja, para suas atividades profissionais.

Uma outra dificuldade apontada foi o fato de estar longe de casa e sair tarde do campus. Marielle, por exemplo, assevera que um de seus desafios durante a Pós-Graduação foi ir às aulas escondida de sua mãe, pois não queria preocupá-la. Meses se passaram e ela seguia mentindo, inventando desculpas, mas não mencionava onde estava toda quinta à noite – dia em que aconteciam as aulas. Como Marielle, quantas mulheres precisam esconder o que fazem, para onde vão ou onde estão pelo simples fato de serem mulheres?

Como postulam os documentos mencionados, o IFRN almeja contribuir positivamente na vida de seus alunos, e isso foi constatado no grupo focal. Tanto Quitéria quanto Chica, ambas servidoras públicas, relataram que fazer a pós-graduação contribuiu positivamente, primeiramente, para um aumento em seus salários. Por outro lado, ainda é ressaltado seguinte:

*O curso mudou a minha vida em relação à educação [...], abriu os olhos para o que é a educação. Tanto é que é uma coisa que eu não pensava em fazer: tentar o mestrado na parte de educação, [...] o conhecimento inteirado do que é o fazer educativo [...]. [Isso] me ajuda enquanto pessoa, me ajuda enquanto profissional, me ajuda enquanto família, amiga [...]. Eu consigo transferir o meu conhecimento para os meus laços, para os meus vínculos e transformou a minha pessoa e a minha visão como pessoa para a educação (Chica).*

Para essa participante, além do retorno financeiro, houve um ganho em sua vida enquanto ser humano, uma abertura da sua mente para novos rumos educativos e pessoais. Similarmente, Quitéria diz que sua mentalidade também mudou ao cursar a pós. Ambas relatam que se encontraram na especialização por ser algo voltado à educação. O curso causou-lhes uma espécie de impulso na vida acadêmica, profissional, pessoal e social, fato que confirma a promoção daquela formação humana integral postulada pelos documentos da EP, pelo PPP e pelo PPC. Estes são apenas alguns exemplos da transformação operada pelo Instituto Federal nas vidas de muitas Dandaras, Chicas, Marielles e Quitérias, pois a instituição lhes facultou oportunidade de continuar a própria formação, mas também de sonhar e ter esperança, despertando a resistência e a criação de outros caminhos para a própria subjetividade.

### **... e a vida reinventar**

Ao final de nossas reflexões sobre mulheres transgressoras de papéis de gênero na Pós-Graduação, chegamos ao entendimento de que a sociedade, a família, as religiões, enfim, as instituições sociais em suas estratégias de poder e de produção discursiva tentam moldar e traçar um mapa para a vida das mulheres. Os espaços, os corpos, as vontades, os sonhos, as escolhas profissionais, enfim, toda a existência feminina é submetida a um processo de alienação: tentam criar uma forma de ser outro para que as mulheres não sejam quem realmente são ou desejam ser.

Nossas entrevistadas mostraram que são transgressoras quando se opõem e se posicionam frente aos discursos da sociedade. Elas atingem um limite que provoca uma reviravolta em seu modo de ser, com suas implicações ontológicas e sociais, ao sair de casa para morar sozinha, ou acabar um casamento de longa data, ou voltar a estudar depois de passar anos cuidando dos filhos, ou até mesmo ao decidir fazer uma Pós-Graduação. Por saírem do padrão e mergulharem em transgressão, nossas mulheres são

vistas como *tristes, loucas ou más*. É assim que Marielle se vê: “*Tem coisas que você precisa ter coragem para desatar o nó, porque ser mulher não é fácil não, e a sociedade, a família, a igreja, eles traçam o mapa e você tem que viver isso e se você não viver, meu amigo, minha amiga, você é louca ou má ou triste*” (Informação verbal)<sup>19</sup>.

Os resultados obtidos na pesquisa apontaram que os discursos sobre as mulheres perpassam a história, reconfigurando-se ao longo das décadas. Para chegarmos à tal conclusão, utilizamos os documentos normatizadores da EP, mas também o PPP do IFRN e o PPC da Especialização em EJA no contexto da diversidade. Também utilizamos imagens de videoclipe, música, entrevistas e da própria História para fortalecer nosso debate. Todos contribuíram para fundamentar nossas ideias em torno da classificação das mulheres enquanto *tristes, loucas ou más*, isto é, transgressoras do *modus vivendi* que o patriarcado lhes impõe.

As participantes do grupo focal demonstraram que não é fácil cursar uma Pós-Graduação. Toda a cobrança para dar conta de triplas jornadas gera cansaço, fator que pode se refletir em seus corpos e, como consequência cognitiva, no desempenho acadêmico. As instituições educativas devem levar em conta esse aspecto, ou seja, estar atentas aos corpos de suas discentes, o que pode se traduzir em estratégias de planejamento e organização curricular que fomentem uma formação humana integral. Para isso, é indispensável atentar para os recortes que atravessam as subjetividades: gênero, etnia, raça, classe, capacidade e idade.

Finalizamos nossa conclusão como iniciamos nosso artigo. Seremos mais uma vez levados ao casarão onde se passam as cenas de *Triste, louca ou má* (FRANCISCO..., 2016). Uma porta antiga se abre, estamos em um cômodo iluminado. A câmera mostra uma mesa e vai enquadrando a imagem como se estivesse entrando nessa sala. No centro da imagem enxergamos uma mulher no chão e outras cinco tentando levantá-la.

---

19 Informação fornecida por Marielle, durante discussão do Grupo Focal, em Canguaretama, em dia de mês de ano.

**Figura 5:** Sororidade

Fonte: Francisco... (2016).

A imagem nos acalma, não porque a mulher que estava caída se levanta, mas porque ela é levantada pelas outras. O videoclipe acaba e somos conduzidos à vida real, mas nosso corpo permanece em outro lugar: estamos agora imaginando um outro mundo, onde haja sororidade. Esse mundo se faz agora, com as diversas estratégias de resistência provocadas pelos nossos conflitos com os poderes. Parafraseando Francisco, *el Hombre* (FRANCISCO..., 2016), as mulheres que resistem são as que aceitam que tudo deve mudar, pois nem um homem, nem sua casa, nem seu corpo as definem. Elas rejeitam a bem conhecida receita cultural, desatam os nós e queimam o mapa para, como transgressoras, a vida reinventar. Outra ontologia de nós mesmos é possível.

### Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordestino**: invenção do falo: uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, M. D. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 45-77.

ARAÚJO, R. M. L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, 2015.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Paris: Flammarion, 1985.

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERT, J. F. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo: Parábola, 2013.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAGA, A. B. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: Edufscar, 2015.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, C. P. A proposta de dona de casa ideal dos guias “Biblioteca do Lar”, “Dicas e Conselhos Práticos para o Lar” e “Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária”, na sociedade brasileira, 1960-1974. In: SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC, 12., 2016, Quixadá. **Anais [...]**. Quixadá: Universidade Estadual do Ceará, 2016. p. 1-12.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 28-46.

FRANCISCO, el hombre: triste, louca ou má. Havana: Partizan, 2016. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://bit.ly/3fiF2at>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GLEYSE, J. **A instrumentalização do corpo: uma arqueologia da instrumentalização racional do corpo, da Idade Clássica à Época Hipermoderna**.

Tradução Avelino Aldo de Lima Neto, Cláudia Emília de Aguiar Morais, Fábio Luís Santos Teixeira. São Paulo: LiberArs, 2018.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

IFRN. **Projeto Político-Pedagógico do IFRN**: uma construção coletiva. Natal: IFRN, 2012.

IFRN. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do Curso de Pós-Graduação lato sensu em educação de jovens e adultos no contexto da diversidade**. Canguaretama: IFRN, 2015.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016.

LIMA NETO, A. A. **O cinema como educação do olhar**. São Paulo: LiberArs, 2018.

LIMA NETO, A. A.; CAVALCANTI, N. C. S. B.; GLEYSE, J. (In)visibilidades epistemológicas: considerações sobre corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional. **Bagoas**, Natal, v. 12, n. 19, p. 16-38, 2018.

MACHADO, L. Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In.: MOLL, J. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 80-95.

NARVAZ, M. G. Gênero: para além da diferença sexual: revisão da literatura. **Aletheia**, Canoas, n. 32, p. 174-82, 2010.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SARDINHA, D. As duas ontologias críticas de Foucault: da transgressão à ética. **Trans/Form/Ação**: Marília, v. 33, n. 2, p. 177-192, 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOUZA, L. M.; LIMA NETO, A. A. Fazendo gênero na Educação Profissional: notas epistemológicas a partir do estado de conhecimento sobre educação profissional e gênero na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2008-2019). **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 26, n. 4, p. 235-250, 2019.

THOMAS, J. Diferenças e (des)igualdades: atitudes de professores/as face à diversidade de gênero nos liceus profissionais “masculinos” na França. **Bagoas**, Natal, n. 19, p. 90-126, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em maio de 2020.